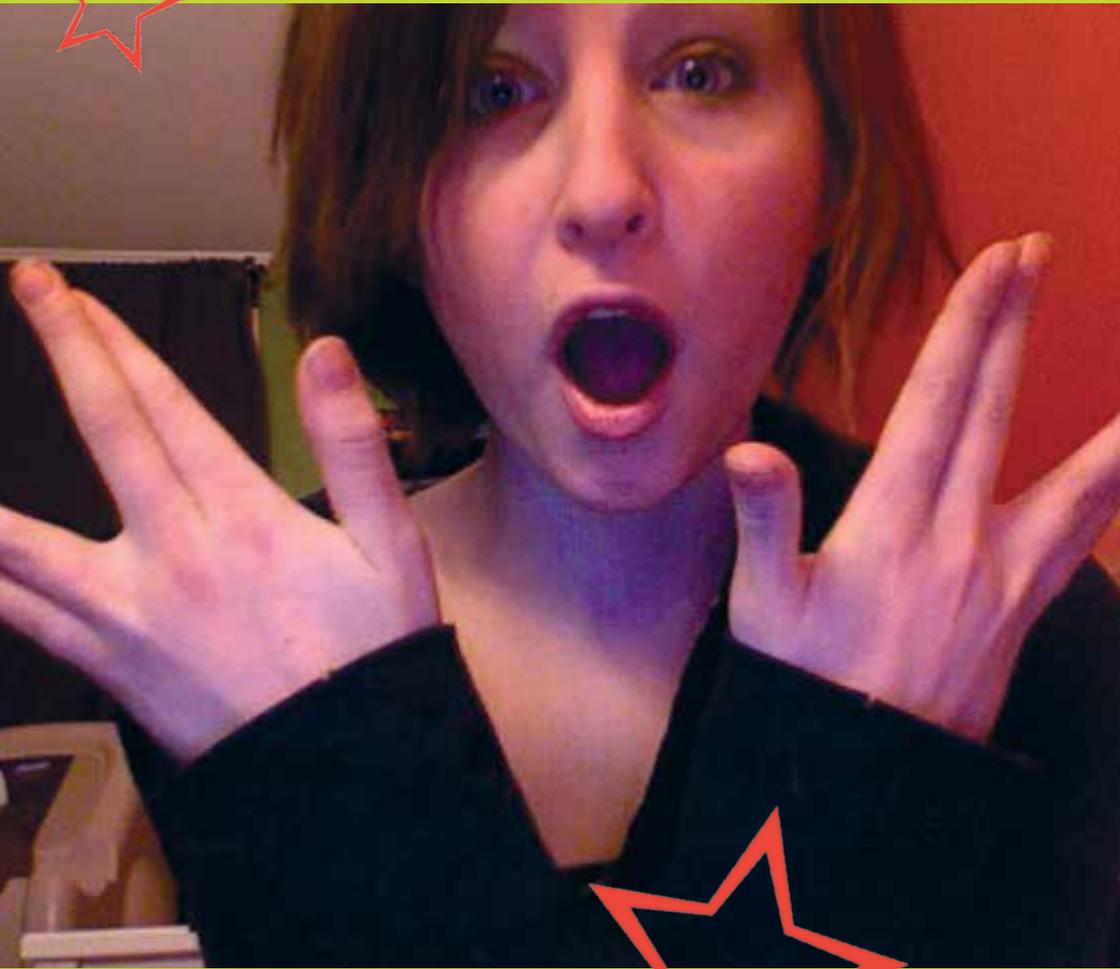


a **estrela**
que nunca
vai se apagar







a estrela que nunca vai se apagar

A VIDA E AS PALAVRAS
DE ESTHER GRACE EARL



esther earl COM LORI E WAYNE EARL

COM INTRODUÇÃO DE JOHN GREEN

TRADUÇÃO DE REGIANE WINARSKI, EDMUNDO BARREIROS
E MARIA DE LOURDES SETTE





ESTA É UMA HISTÓRIA sobre uma garota que passou por uma experiência transformadora chamada “câncer da tireoide”. Não é um daqueles relatos dramáticos sobre câncer “baseados em fatos reais”, até porque o “câncer da tireoide” não é tão ruim quanto os outros. É uma história sobre mim, Esther Earl, vivendo com uma doença que é bastante assustadora.

SR. TUMOR CANCERÍGENO

*Esther Earl,
Diário do “Tumor Cancerígeno”*





*Para todos os que desejam viver
intensamente e amar profundamente,
não importando o obstáculo ou a
duração dos dias.*



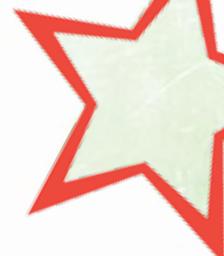


a **estrela**
que nunca
vai se apagar





Abigail e Esther com John Green,
LEAKYCON, 2009



INTRODUÇÃO

por John Green

autor do best-seller A CULPA É DAS ESTRELAS e cocriador do canal Vlogbrothers no YouTube

Minha amizade com Esther Earl começou, como tantas excelentes histórias de amor, em uma convenção sobre Harry Potter. Meu irmão, Hank, é um roqueiro bruxo, o que significa que ele escreve canções sobre o universo de Harry Potter e, por isso, em 2009 me arrastou para a LeakyCon, uma celebração de tudo relacionado ao personagem, realizada em Boston. Na primeira noite, houve um banquete e um show que, naturalmente, envolveu muita dança.

A maior qualidade da comunidade de fãs de Harry Potter é que ninguém critica ninguém. Ser nerd não é visto como um defeito de caráter. O entusiasmo sem ironia é celebrado, e nunca com tanta intensidade quanto na pista de dança. Em um concerto de rock bruxo, não importa se você é ótimo ou péssimo dançarino, desde que dance com toda a animação.

O que eu não consigo fazer. Acho impossível dançar como se ninguém estivesse olhando, mesmo que ninguém esteja olhando. Assim, quando todos correram para a pista de dança, permaneci onde estava. Minha estratégia em um evento desses é me recostar em uma pilastra ou parede e ficar olhando com ar pensativo para os músicos e para a multidão dançando, como se estivesse elaborando Algo MUITÍSSIMO Inteligente;

assim, espero que todos os que por acaso olhem para mim percebam que não devo ser interrompido.

No entanto, fui interrompido por uma vizinha que disse:

— Você é o John Green?

Virei-me e vi uma garota usando uma cânula nasal e outra garota quase idêntica a ela (sua irmã, pensei) segurando um cilindro de oxigênio.

— Sou — respondi — Oi.

O que aconteceu depois foi bastante convencional: a garota — seu nome era Esther — gostava do vlog que Hank e eu fazíamos e queria tirar uma fotografia comigo. A irmã bateu a foto, depois tivemos uma conversa rápida e voltei a me recostar na parede.

Minutos depois, uma amiga minha veio e tentou me puxar para dançar. Eu me virei em pânico e vi Esther e a irmã Abby sentadas a uma mesa atrás da pista de dança, então disse:

— Hum, preciso ir. Tenho que falar com aquelas garotas.

Essa foi a primeira vez, mas não a última, que Esther Earl me salvou de uma catástrofe. Sentei-me ao lado delas e começamos a conversar. Descobri que Esther não apenas assistia aos nossos vídeos: ela era uma nerdfighter de carteirinha. (Nerdfighters são pessoas que lutam pelos nerds e celebram o intelectualismo; a comunidade cresceu para além dos vídeos que meu irmão e eu começamos a fazer em 2007.) Esther nos acompanhava havia anos. Mais tarde, ela ajudaria a manter o maior site de fãs dos nerdfighters, o *effyeahnerdfighters*, com um grupo pequeno de amigos que se autointitulava *Catitude*. Esse grupo também ajuda a administrar um projeto de cari-

dade anual dos nerdfighters chamado Project for Awesome. Frequentemente, Hank e eu recorremos ao Catitude em busca de aconselhamento e ajuda. Assim, descobri que Esther e eu já meio que nos conhecíamos.

Conversamos naquela noite em Boston por um bom tempo, entediando Abby, tenho certeza, contando piadas de nerdfighters e falando sobre a música de Hank e nossas bandas de rock bruxo favoritas.

Mantive contato com Esther depois desse encontro. Às vezes, conversávamos brevemente por Skype, e eu entrava no chat do Catitude de vez em quando para discutir sobre o fan site administrado pelo grupo, ou a moderação do fórum, ou só para bater papo. É impossível descrever o quão rápido aquele pessoal digitava nos chats do Skype: dez ou doze pessoas conseguiam produzir milhares de palavras por minuto, e Esther, embora fosse um dos membros mais jovens do Catitude, tinha o mesmo ritmo.

Eu sabia que Esther tinha câncer, mas também sabia que a maioria dos jovens com câncer melhorava, e nunca quis me intrometer demais, menos ainda porque estava trabalhando havia anos em um livro sobre crianças com câncer e não queria que minha amizade com ela virasse em um projeto de pesquisa. Durante muito tempo, houve um tanto de negação em nosso relacionamento. Eu não queria imaginar que aquela fã hilária e dedicada poderia morrer, e Esther queria fazer amizades que não fossem definidas e circunscritas pela doença. Suas deficiências físicas tornavam isso difícil na vida real, mas, na internet, ela não era “Esther Earl, a menina que tem câncer

e precisa de um cilindro de oxigênio”. Ela era “Esther Crazycrayon, a garota engraçada do Catitude”.

E então, um dia, Esther e eu estávamos conversando no chat quando ela revelou que estava escrevendo de uma cama de hospital, e que — depois que insisti em saber um pouco mais — na verdade estava na UTI e havia tubos saindo de seu peito para drenar o líquido acumulado nos pulmões. Mesmo assim, ela fez tudo parecer muito normal e corriqueiro, como se toda garota de quatorze anos precisasse, ocasionalmente, ter alguns tubos enfiados no peito. Mas fiquei tão preocupado que entrei em contato com seus amigos, que me colocaram em contato com os pais de Esther, Lori e Wayne. Logo depois, todos os amigos dela da internet começaram a se dar conta de que Esther tinha uma doença terminal.

Percebo agora que estou fazendo aquela coisa de criar uma distância entre mim mesmo e a dor usando termos técnicos e frios como “doença terminal” e descrevendo eventos em vez de sentimentos, então: eu estava com muita raiva — de mim mesmo, por todas as vezes que interrompi nossas conversas para poder voltar ao trabalho, e da Terra, por ser o tipo de lugar condenável em que crianças que não fizeram nada de errado precisam viver anos de medo e dor para depois morrer.

Não gosto da expressão “amigos da internet” porque sugere que pessoas que se conhecem on-line não são amigas de verdade, que a amizade é, de alguma forma, menos real ou significativa por acontecer pelo Skype ou via mensagens de texto. A medida de uma amizade não tem a ver com presença física,

mas, sim, com seu significado. Bons amigos, virtuais ou não, motivam nossa empatia, nos confortam e também nos arrancam das prisões de nós mesmos. Suponho que parte de Esther tenha ficado triste ao desistir da ilusão de que ia ficar bem com seus amigos virtuais, mas o que aconteceu em seguida foi uma revelação para todos nós. Nossas amigadas da internet eram fortes e reais, e se tornaram mais fortes e reais quando Esther e os amigos por fim conseguiram reconhecer e discutir abertamente a verdade sobre a doença dela.

Poucos meses antes de Esther morrer, aqueles amigos da internet tornaram-se, por um tempo, amigos na vida real, quando vários membros do Catitude passaram alguns dias com Esther em Boston. Estive lá por um dia. Gostaria de poder falar do quanto me mantive forte e tranquilo, mas, na verdade, chorei a maior parte do tempo e mal balbuciei uma frase. Queria ter sido mais adulto com Esther e seus amigos; assim como os pais dela, eu poderia ter sido um alento, uma presença tranquilizadora e amorosa, em vez de uma pessoa chorona e apavorada. Mas é isso aí.

Ainda assim, foi um grande dia. Falamos sobre nossas esperanças e nossos medos do futuro, sobre os últimos filmes de Harry Potter (que Esther infelizmente nunca chegou a ver) e sobre nossas lembranças mais felizes. Esther me contou que a dela era de um ano antes, quando foi hospitalizada com pneumonia e pensou que ia morrer. Ela falou sobre ter toda a família a seu redor, ficar de mãos dadas com eles, sentindo-se conectada àquelas pessoas que a amavam infinitamente. Usou essa palavra ao se referir, em certo momento, ao amor que sen-

tia pela família: “infinito”; e pensei que infinito não é a mesma coisa que um grande número. É totalmente diferente. É algo ilimitado. Vivemos em um mundo definido por seus limites: não se consegue viajar mais rápido que a velocidade da luz. Todo mundo deve e vai morrer. Não se pode escapar dessas limitações. Mas o milagre e a esperança da consciência humana é que ainda podemos conceber a infinitude.

Assistimos a um filme que Wayne e Lori tinham feito sobre a vida de Esther. Comemos comida chinesa. Choramos muito juntos. Esther fez intervalos — para tirar cochilos, vomitar, tomar remédio injetado pelo tubo de alimentação ligado a seu estômago —, mas estava totalmente consciente, tão viva quanto qualquer um de nós, igualmente capaz de amar e ser feliz, de sentir raiva e tristeza. E, por mais que eu não quisesse que a nossa amizade tivesse a ver com minha produção literária, não poderia deixar de ser afetado por ela, em um nível pessoal e como escritor. Ela era muito divertida, mordaz e consciente. Tinha uma capacidade inconcebível de empatia. E, acima de tudo, era uma pessoa, uma pessoa completa e complexa. Temos o hábito de imaginar quem está morrendo como fundamentalmente diferente de quem está saudável. Nós os elevamos à categoria de heróis e os imaginamos com reservas de força que não nos são possíveis. Dizemos a nós mesmos que vamos nos inspirar nas histórias de sofrimento — que aprenderemos a ser gratos por cada dia, ou mais compreensivos, ou qualquer coisa assim. Essas reações, embora por certo bem-intencionadas, em última análise os desumanizam: Esther não era incomum porque estava doente, mas porque era a Esther; e

ela não existiu para que o restante de nós pudesse aprender Lições Importantes de Vida. O significado da vida dela — como o de qualquer outra — é uma questão enlouquecedoramente ambígua e envolta em incerteza.

Mais tarde naquela noite, Esther, seus amigos e eu fomos dar uma volta por Boston (nos revezando para empurrar a cadeira de rodas dela) para tomar café e sorvete. Nunca vou conseguir explicar como tudo aquilo foi divertido, como foi uma grande aventura, comparável à escalada do monte Everest, vagarmos pelas ruas centenárias procurando sobremesas.

Fiz um vídeo sobre Esther algumas semanas depois, e ela logo se tornou uma espécie de celebridade na comunidade nerdfighter. Durante os últimos meses de vida, ela tratou essa nova atenção que recebeu com graça (que era, afinal, seu nome do meio — Grace). Ela até começou a fazer seus próprios vlogs, e, apesar de estar muito doente e a poucas semanas de morrer, os vídeos eram engraçados e charmosos e atraíram um grande público. Continuamos mantendo contato, e ela ainda visitava seus amigos no chat do Catitude, mesmo quando a conversa, por vezes, ficava acelerada demais para ela, à medida que seu estado de saúde piorava.

As últimas imagens que ela filmou fizeram parte de um vídeo colaborativo do Catitude para o meu aniversário de trinta e três anos, em 24 de agosto de 2010. Quando o vídeo foi exibido, Esther estava de volta à UTI. Ela morreu na madrugada do dia 25 de agosto.

Quando pensamos na morte, muitas vezes a imaginamos acontecendo de forma gradativa: pensamos em uma pessoa

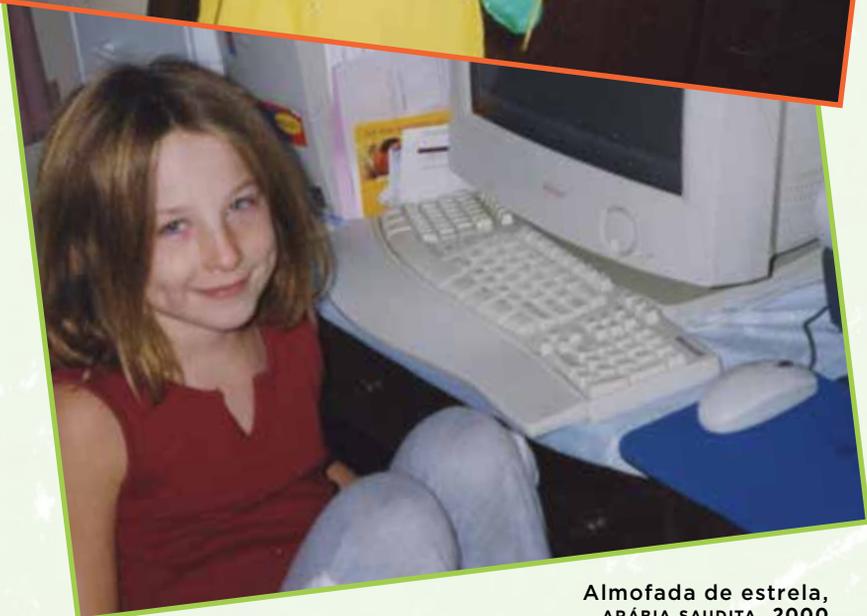
doente se tornando menos e menos viva até por fim ir embora. No entanto, mesmo em seus últimos dias, Esther estava totalmente viva, tão viva quanto qualquer um de nós, e, portanto, mesmo que todos que a amavam entendessem que ela estava morrendo, sua morte ainda foi um choque terrível para mim. Ela não partiu devagar, mas de repente, porque, mesmo quando não conseguia mais sair cama, ela encontrava maneiras de desfrutar a vida plenamente: brincar com os amigos, contar piadas, amar e ser amada. E então ela se foi, de repente, de uma hora para outra.

Eu já disse muitas vezes que *A culpa é das estrelas*, embora dedicado a Esther, não é sobre ela. Quando o livro foi publicado, muitos jornalistas queriam que eu falasse sobre Esther, queriam saber se meu livro tinha sido “baseado em uma história verdadeira”. Nunca soube como lidar com essas perguntas, e continuo sem saber, pois a verdade (como sempre) é complexa. Esther inspirou a história no sentido de que minha raiva depois de sua morte me levou a escrever o tempo todo. Ela me ajudou a imaginar adolescentes mais compreensivos do que eu acreditava que eles pudessem ser, e seu charme e sua ironia inspiraram o livro também. Mas a personagem Hazel é muito diferente de Esther, e a história de Hazel não é a de Esther. A história de Esther pertencia a ela, e, felizmente para nós, ela era uma escritora extraordinária, que conta essa história divina nestas páginas. Encontro consolo nisso, mas não se engane: ainda estou muito zangado por ela ter morrido. Ainda sinto falta dela. Continuo achando que perdê-la é uma injustiça intolerável. E queria que ela tivesse lido *A culpa é das estrelas*.

Fico surpreso que o livro tenha encontrado um público tão grande, mas a pessoa que eu mais queria que o tivesse lido nunca o fará.

Mencionei anteriormente que Esther me manteve longe da pista de dança naquela noite, em 2009, mas aquela não foi a última vez que ela me salvou de uma catástrofe. Na verdade, ela continua me salvando, o tempo todo. Nestas páginas, e nas minhas memórias, ela me faz lembrar que uma vida curta também pode ser uma vida boa e rica, que é possível viver com depressão sem ser consumido por ela e que o sentido da vida está na união, na família e nas amizades que transcendem e sobrevivem a todo tipo de sofrimento. Como o poeta escreveu no Cântico dos Cânticos da Bíblia, “O amor é forte como a morte.” Ou talvez mais forte ainda.

ESTHER GRACE EARL



Almofada de estrela,
ARÁBIA SAUDITA, 2000

Esther trabalhando,
MASSACHUSETTS, 2003

ESTHER GRACE *uma apresentação*
pelos pais de Esther, Lori e Wayne Earl

Desde pequena, Esther tinha certeza de que ia ser escritora. E nós acreditávamos nela. Ela amava as palavras, sentia sua força e acreditava na magia das histórias. Mais velha, ainda mantinha uma lista de ideias e personagens que queria desenvolver. Nós a estimulávamos a escrever e prometíamos com entusiasmo ajudá-la a encontrar público para seu trabalho.

Mais ou menos aos oito anos ela começou a fazer um diário, e passou a escrever mais e mais à medida que crescia. Claro que não escrevia no diário com a ideia de que aquilo um dia seria publicado. Fazia isso porque precisava. Era apaixonada pelo processo e achava essencial para sua saúde mental e emocional conseguir tirar os pensamentos da cabeça e botá-los no papel. Como muitas pessoas da mesma idade, manter um diário a ajudou a atravessar a passagem da infância para o início da adolescência. E escrever se tornou cada vez mais importante após seu diagnóstico.

O que Esther escreveu pertence agora a você, leitor. Temos certeza de que ela não se oporia. Sempre falava do desejo de estimular e inspirar os outros, e fazia isso quer as pessoas percebessem quer não, talvez especialmente se não percebessem. Era defensora dos solitários, receptiva com estranhos, uma pessoa acolhedora.

Escrever no diário, em geral, era a última coisa que Esther fazia no dia. Ela escrevia na cama, e só depois de ler algo que lhe desse prazer. Está claro que se dirigia ao diário como a uma pessoa, e costumava reler o que escrevia, pois procurava melhorar suas qualidades e lidar com o que achava que eram defeitos e pontos fracos. Com o passar dos anos, o estilo e o conteúdo dos textos passaram a refletir uma vida com propósito do ponto de vista de uma menina simpática e alegre forçada a navegar pelas águas monstruosas de uma sentença de morte, o câncer, enquanto ao mesmo tempo entrava no fascinante mundo da adolescência no início do século XXI.

Diante de um intruso tão indesejável, costumamos nos sentir impotentes enquanto lutamos para nos manter positivos. Para nós, a máquina onipresente que a ajudava a respirar era um lembrete incessante de que estava chegando o dia em que seu ruído tranquilizador silenciaria. Mas Esther preferia ver as coisas de outro modo. Durante todo o tratamento, sentia que, no geral, sua vida tinha sido boa. Ela teve o amor da família, dos amigos, e a cada dia sua dedicação à missão de confortar e cuidar dos outros se renovava. Não importava a força do ataque — enquanto seu trabalho não terminasse, ela não fazia planos de abandonar seu posto como guarda da esperança. Duas semanas depois de fazer dezesseis anos, ela tuitou para os amigos:

Se eu pudesse pedir para ter três talentos, seriam: entrar em corpos (sem machucá-los) e tirar todo o câncer, dançar & PALAVRAS.

A ESTRELA QUE NUNCA VAI SE APAGAR



Children's Hospital,
BOSTON, 2008

No avião, voltando da Europa,
2004

Criar palavras que pudessem curar, compartilhar e celebrar a vida com entusiasmo aqui e agora: esse era o legado dela. Estamos convencidos de que é por isso, e por seu amor profundo pelos outros, que ela gostaria de ser lembrada.

Sua vida foi seu livro. Ela não pôde escolher o final, mas a forma como preencheu as páginas torna a história irresistível. Compartilhar nossa Estrela — *nosso maravilhoso raio de sol* — é um modo de espalhar sua luz. Somos muito gratos por ela ter agraciado nossa vida, mesmo que por pouco tempo. Lendo as palavras dessa jovem escritora, esperamos que outros se inspirem e sejam transformados para melhor, como nós fomos.

Ilustração sem título,
6 DE DEZEMBRO DE 2008

